 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 018. Antropologia dos Esportes: desdobramentos epistemológicos e teórico-metodológicos nos estudos das práticas esportivas

Wagner Xavier de Camargo (UFSCar) - Coordenador/a, Luiz Fernando Rojo Mattos (UFF) - Coordenador/a, Mônica da Silva Araujo (UFPI) - Debatedor/a Este grupo de trabalho ? fruto de estudos e esfor?os da antropologia brasileira em compreender das pr?ticas esportivas em sua interface com a sociedade. Nos ?ltimos encontros da RBA (desde 2000) e da RAM (desde 2001), compreendemos que o esporte institucionalizado e as pr?ticas esportivas est?o cada vez mais presentes na vida dos sujeitos e t?m adquirido maior visibilidade, tanto no cen?rio brasileiro, quanto no Sul-americano. Como efeito, vimos um aumento exponencial representado no n?mero de pesquisadoras/es (seja na qualidade dos trabalhos, seja na amplitude tem?tica), e tal aspecto se reveste no incremento (e verticaliza??o) de problem?ticas concernentes ? ?rea. Nesse sentido, ? no espa?o do GT que aprofundamos e refinamos alguns debates mais cl?ssicos da antropologia, como conceitos de identidades e etnicidade, teorias do indiv?duo e da pessoa, usos do corpo e estruturas de poder, al?m de outros mais contempor?neos, como as quest?es de g?nero, sexualidade e erotismo, interseccionalidades, novas subjetiva?es e as pr?prias pr?ticas esportivas. Essas tem?ticas emergem de etnografias densas e plurais, que abordam distintas modalidades esportivas como o futebol, v?lei, basquete, rugby, lutas e artes marciais, esportes de aventura, ciclismo, nata??o, dan?a e outras. O objetivo deste GT, portanto, ? possibilitar e dar manuten??o ao espa?o de di?logo, trocas, interlocu??o e colabora??o entre pesquisadoras/es envolvidas/os com o universo dos esportes.

Brincar com seriedade: A ?esportivização? da prática de se soltar pipa

Autoria: Fernando Cabral Morselli Guerra

A prática de soltar pipa, vem sendo modificada consideravelmente ao longo dos últimos anos. Prova disto é que em dias atuais, pode-se ver a atividade sendo realizada em sua maioria por adultos, que se deslocam a locais específicos em dias pré-estabelecidos para realizar tal atividade. Em meio a este cenário, vislumbra-se ainda uma crescente tentativa de (re)interpretar a pipa, desta vez como esporte. Tal fato é muito sugestivo quanto à mudança de tom relacionada à prática de se soltar pipa. Se antes a brincadeira continha apenas regras subentendidas e coletivamente aceitas, agora passa a ter um estatuto, que temporariamente é rediscutido e aprimorado, confirmando uma tentativa de controlar o que se considerava descontrole. Tal ação é baseada majoritariamente em uma esperança de se desvincular do estigma de ?marginal?, ?vadio? e ?inferior? de que a pipa e seus adeptos sofrem cotidianamente. A criação da Liga Carioca de Pipa Esportiva em 2017 trouxe a tona um outro perfil de pipeiro, diferente do indivíduo que costumava frequentar os festivais de pipas em suas horas de lazer. Uniformizado e com treinos regulares, disputando prêmios e um acesso a campeonatos internacionais, o pipeiro dos campeonatos passa a entender-se como atleta, deixa de frequentar festivais. Isto acaba criando certo estigma entre os praticantes da atividade de soltar pipa, isto é: pipeiros frequentam os festivais, atletas da pipa somente os campeonatos. Ou seja, ao transformar o que era brincadeira em esporte, se eleva o status da prática, retirando dela seu caráter marginal. Dentro do ideal social que temos, ser marginal é não seguir os padrões hegemônicos de comportamento, estar no limiar. Se é marginal por transgredir os valores estabelecidos em códigos, estatutos e etc. Então, pipeiros de festival não seguem os códigos e continuam sendo marginais, pipepiros de campeonato carregam consigo o acordo de seguir as regras estabelecidas em estatuto e ganham outro status Ao que parece então, o problema não está exatamente em ser marginal, mas sim na forma em que a atividade é exercida pelo indivíduo, isto pois,

 ISBN: 978-85-87942-61-6

> sabemos que há certo preconceito com atividades de lazer de uma forma geral, sendo ele visto como o contrário do work, aonde se estabeleceria a seriedade regrada e necessária para se conviver em sociedade. Através do que podemos chamar de ?esportivização?, eleva-se o simples jogo ou a brincadeira ao status de esporte, dando a ele ares hegemônicos de civilidade. Ou seja, um regulamento próprio que deve ser seguido, onde todos os praticantes estão de acordo e cientes dos limites a que se pode chegar. Isto parece dar caráter pudico a atividade de soltar pipa, atestando-a como prática usual entre a sociedade.

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**